



Edcarlos Lopes Araújo

ENTREVISTA E001 — MANDADOR DE BOI

Entrevistado(a): Edcarlos Lopes Araújo

Função no Reisado: Mandador de boi e pagador de promessa

Idade: 28 anos

Comunidade/localidade: Planalto São Raimundo, Boa Hora – PI

Data da entrevista: 17/03/2026

Local da entrevista: residência do entrevistado

Entrevistador: Lenildo Martins Lustosa Pereira

Forma de registro: áudio transcrito

Duração: 31 minutos

Situação da transcrição: transcrição bruta

Observação breve:

Entrevista sobre trajetória familiar no Reisado, função de mandador, promessa, fé e continuidade da tradição.

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA:

Lenildo - Bom, nós estamos aqui na casa do Edcarlos, ao qual nós vamos nos entrevistar, que é uma entrevista aqui para o trabalho de dissertação do mestrado do Prof. História da Universidade Estadual do Piauí. Vamos começar aqui pedindo para o Eddie Carlos se apresentar, dizendo o seu nome e a função dele no Reisado hoje em dia.

Edicarlos - Meu nome é, tenho 28 anos, e desses 28 já tenho 13 no Reisado. Comecei desde a infância mesmo, minha avó era cantadeira. Minha avó pagou promessa, ela era cantadeira, trabalhou muitos anos no Reisado. Hoje eu sou mandador de boi, já faz 13 anos que mando boi profissionalmente. E esse ano eu paguei promessa, estava devendo uma promessa que fazia tempo, e a gente pagou esse ano o primeiro ano, que é o Boi Alegria, em 2026. E aí é uma coisa que a gente tenta não deixar acabar, a cultura, porque todo povo tem uma cultura, e aqui na Boa Hora é o Reisado.

Lenildo – Você falou que é neto de cantadeira de Reisado, quer dizer que o Reisado já estava presente na sua vida desde muito tempo. Como foi conviver com essa tradição na sua família desde pequenininho?

Edicarlos - Desde pequeno a gente não tinha aquele receio de medo, porque tem gente que quando não vê uma coisa tem medo, e a gente já fazia era gostar, porque foi uma coisa que foi repassada dos meus bisavôs, do meu avô, da minha avó, do meu bisavô Rafael Dedê, o bisavô Rafael Dedê tirou o Reisado. E minha avó trabalhou para ele como cantadeira, isso em 1966. E de lá para cá ela começou a trabalhar para ele, com o pai dela cantando, de lá





para cá cantando, e quando eu nasci dentro do Reisado, vendo ela trabalhar, cresci vendo ela trabalhar, e hoje estou tentando ver se não deixo acabar essa cultura.

Lenildo – Sua avó teve influência na sua decisão de fazer parte, de gostar de cantar Reisado, de agora um pagador de promessas?

Edicarlos - No início ela não queria, porque ela dizia que era muito cansado. Meu filho você não aguenta não, que é muito cansativo demais, mas aí eu ia. Quando eu não trabalhava, eu ia, e aí ela brigava, mas eu nunca deixei. Comecei ainda pequeno, lá no São José, com os ministros, e do tempo que eu brincava com os meninos lá fora de época, quando acabava o Reisado, que ainda hoje tem, quando acaba o Reisado, aparecem os meninos fora de época. O único que ficou foi eu, do meu tempo. Mas ela sempre motivava, ela sempre motivava, depois que eu cresci, ela sempre motivava, como hoje estou aqui ainda, tentando deixar a cultura mais viva, fortalecer mais, para repassar para os outros que, graças a Deus, há Boa Hora estão se desenvolvendo muito com essa casa da cultura, e aí tem muitos jovens a aprender. Tanto ser careta, como mandador, como sanfoneiro, que é difícil, dançador de boi, que é difícil. Tem muita gente que está aprendendo a gente ver, e é muito importante.

Lenildo – Você vê o Reisado hoje O Reisado tem a parte, brincadeira, mas tem uma parte que é religiosa. O da Boa Hora é muito religioso, sim, porque envolve o pagamento de uma promessa. Como é que você vê, você que é pagador de promessa, como é que você vê a questão de organizar uma promessa?

Edicarlos – Primeiramente, a promessa, a graça que a pessoa alcançou. Porque quando eu falei, e falo, eu não acredito que uma pessoa vai pagar uma promessa e tirar reis sem ser promessa. Porque exige muito, além da parte financeira, a alimentação, tudo preparo, que é uma coisa que a gente se prepara o ano todo. Então hoje eu vejo que a pessoa para dar a promessa tem que se preparar o ano inteiro, porque não depende só de você contratar as pessoas, botar o grupo no terreiro, não. Você tem que preparar a casa, preparar para os trabalhadores, principalmente para o dia 6, para as pessoas que vão vir, porque o banquete no dia 6 é uma tradição que a morte do boi, vai comer daquele boi. Então é um ano de preparo, de dedicação, da graça que alcançou. Então o reisado, além de ser uma cultura, tradição, é fé. Porque santo rei são seis santos. São José, Nossa Senhora, Menino Jesus, Baltasar, Gaspar e Melquião. São seis santos. Então a pessoa para se pegar com o santo rei precisa estar em um momento muito delicado. Porque eu vejo muito trabalhador de reisado que trabalha e diz eu peço muito a Deus para nunca precisar fazer promessa para Santos reis, porque só faz promessa com o santos reis num momento muito delicado, porque é uma promessa cara, pesada. Não falo só em questão do dinheiro para pagar, mas do cansaço, porque você passar seis noites acordado sem dormir e ajeitar uma coisa, é muito dependioso.

Lenildo – Nesse período em que você está pagando a promessa, a promessa envolve outras pessoas, além de pessoas aqui da sua casa, envolve mais pessoas que colaboram, que se envolvem, a comunidade, parentes, como é que é?





Edicarlos – Sim, se envolve, sim. Principalmente a família. A família ajuda muito. E hoje também a gente tem essa ajuda da prefeitura, que para trás, no início, que minha avó tirou reis, não tinha. E hoje já tem essa ajuda da parte da prefeitura, que ajuda muito. Ajuda muito. E o povo da Boa Hora são acolhedor, eles ajudam mesmo. Você chega na casa, duas, três horas da madrugada, eles abrem as portas, recebem, pagam do jeito que pode, mas paguem e recebem. Você nunca chega nas comunidades da Boa Hora, no centro, para você não ser recebido, porque o pessoal daqui recebe mesmo, o pessoal gosta.

Lenildo – No momento você disse que para pagar uma promessa precisa de uma pessoa num momento muito delicado. Como foi o momento que você tomou essa decisão? Não tem outro jeito?

Edicarlos – Na realidade, essa promessa minha foi três promessas numa só. Foi um nódulo que apareceu na minha mãe, aí eu pedi. Se sumisse, a gente ia pagar. E aí se sumiu. Num foi um mês, se sumiu. Isso já estava devendo essa que eu comecei a pagar agora. Só que foi as três promessas, mas para tirar três anos. Não foi nove anos, foi só os três anos. E a primeira foi essa que eu fui, que era para fazer uma cirurgia em Teresina, que não precisou.

Foi feita a promessa para a minha avó Feiti, para não precisar operar. E não precisou. E aí por isso que eu paguei. E essa promessa foi feita em 2011, e paguei em 2026. Já estava com 14 anos, porque foi um momento delicado. Porque a gente se livrar de uma cirurgia, com a graça que alcançou, é bom demais. Você não precisava ser cortado.

Lenildo – Você falou que sua avó fez a promessa. Nesse caso, queria que você explicasse. Uma pessoa pode fazer e outra pessoa pagar?

Edicarlos – Pode sim. Pode sim. Porque essa promessa do Santo Reis, numa hora dessas, mais é a família que está se importando. Porque tem muita gente que faz, sem ser parente, mas pode fazer. No entanto, se a pessoa que recebeu a graça não pagar, quem fez tem que pagar. Porque aquele peso vai para quem fez. Então, eu sabia da promessa, eu já sabia. E as coisas de Santo Reis não são brincadeiras. Não são brincadeiras, porque essa promessa já estava nesse tempo todo, e eu sempre a sonhava. Eu sempre a sonhava. Tanto é que quando falei que ia pagar, nunca mais sonhei. Comecei a pagar esse ano, e em 2027 retiro novamente, no segundo ano, e o último ano, acho que a gente vai deixar mais pra frente.

Lenildo – Queria que você falasse também, tem uma parte que é... Geralmente, todo mundo que vai pagar a promessa tem uma preocupação. Tem muitas preocupações, já cito algumas. Tem o banquete, tem a questão do cansaço de você andar todas as noites, na peregrinação, e a noite toda. Mas tem a parte também de você contratar o grupo, que vai tirar o reisado, porque tem os personagens já certos. Como é que é essa parte de organizar, de falar com cada um? Como é que funciona? Há um pagamento para essas pessoas? Há um contrato? Quem são elas?

Edicarlos – O reisado é formado por nove trabalhadores. A cantadeira, a segunda voz, três caretas, o pronto, faz cinco, com o mandador, seis, o dançador, sete, o sanfoneiro, oito e o carregador do boi, nove. E a gente... Quando a gente vai pagar uma promessa... Por isso que





falei, é um ano. No começo do ano, a gente já vai atrás dos profissionais. A gente já fala se ele pode vir, se pode ir, a gente já segura. E, no dia 25 de dezembro, no final do ano, no Natal, é o contrato. Se reúne na casa do dono da promessa, é o ajuste, o prestamento de conto no Natal. E ali eles vão dizer o preço dele e a gente vai botar o da gente. Mas, no entanto, esses valores, todos os grupos de reisado do município é só um preço só. Observação, o que começa no dia de São Siliverte. Porque quem começa no dia 31 é um pouco mais caro. Porque quem começa no dia primeiro é outro valor. E dia 31 já é o preço. Mas, no dia 25, essa tabela de preços, esses ajustes, é feita nesse dia. E tem uns preços tabelados de cada um. Os caretas tem os preços dele. O careta véi pede o preço pelos dois. Então, se é 2000 um careta, pede R\$ 6.000 para três. A cantadeira é o preço do careta. A segunda voz, a cantadeira é a metade do careta. O mandador e o dançador é um preço só. O sofoneiro é o mais caro. E o carregador do boi é a metade da cantadeira. Gera um gasto em torno de R\$ 25.000.

Lenildo – Geralmente, quando a pessoa faz uma promessa por exemplo, para São Francisco, vai pagar em Canidé, geralmente, essa promessa é paga na igreja. Vai lá na igreja do santo, o santo é padroeiro daquele lugar, e vai lá e paga. No caso de Santos Reis, é uma promessa que é paga por quem mesmo faz a promessa na peregrinação, sem precisar de ir lá na igreja pagar.

Edicarlos – É, porque a promessa de Santos Reis é fazer o mesmo que os três Reis Magos fizeram, a caminhada de Jesus até Belém. O Baltazar, Gaspar e Melchior andaram do dia 25 até o dia 6 de janeiro, para chegar em Belém no dia 6. E essa caminhada, o correto, como eu já lhe disse, que o certo para o reisado começa é no dia 25, até o dia 6, mas não tem... Só se trabalhasse em duas ou três casas e fosse dormir, mas não. O reisado é das seis da tarde às seis da manhã, que é a hora que a estrela nasce. Os três Reis Magos só andavam pela estrela. Na hora que a estrela sumia, eles saqueavam para dormir. E assim é o reisado. Nós temos que andar à noite por causa da estrela que guiou os três Reis Magos até Jesus e nós seguimos a mesma coisa. É uma peregrinação à noite, em casa em casa. Por isso que a promessa é paga assim, nas casas, não é uma promessa para pagar na igreja. E a morte do boi celebra a chegada dos três Magos até Belém, que foi o dia em que Jesus foi encontrado.

Lenildo – Então, para se pagar uma promessa, tudo começa... Quando é que começa? O primeiro ato, assim: “eu comecei a pagar a minha promessa”. Claro que você disse que tem um ano de organização, mas o ato inicial...

Edicarlos – Dia 25. No dia 25 de dezembro, você ajustou, o reisado já está começado. Tão tal que a gente ajusta... Bota a imagem de Santo Rei em cima de uma mesa, acende uma vela e vai ajustando os preços. Ali você já começou.

Lenildo – E aí, percorre todo esse período do dia 1º ou do dia 31 e encerra como?

Edicarlos – Começa dia 31, porque dizem que o certo é começar dia 31. Outros começam dia 1º. Reza-se um terço no começo e, quando mata o boi no dia seguinte ao encerramento,





reza-se outro terço em forma de agradecimento. Matou o boi, a promessa daquele ano já está paga. Meu avô Pedro Gina diz: “filho, a promessa de Santos Reis é três anos, porque cada ano é como um santo. É um ano para o Gaspar, um ano para o Belchior e um ano para o Baltasar”. Por isso que se diz que não existe promessa de um ano. Tem gente que faz promessa para só um ano. Não existe. Ou é três, ou é sete, ou é nove. É assim também para São Gonçalo. São Gonçalo é três, ou é sete, ou é nove. Do mesmo jeito é o reisado.

Lenildo – O que você sentiu durante a peregrinação? Enquanto pagador de promessa?

Edicarlos – Eu fiquei alegre por poder pagar, por estar tendo a condição de pagar. Porque o cansaço ninguém fala. Eu fiquei muito alegre em pagar em um grupo que eu contratei pôde vir, o pessoal me receber, porque não é todo mundo que está três horas da madrugada dormindo para se levantar para receber o reisado não.

Lenildo – Como é que funciona essa chegada na casa da peregrinação? Qual é o papel do pagador de promessa? É ele que chega na frente?

Edicarlos – A gente chega com a imagem. O dono da promessa tem o direito de andar com a imagem do santo Reis. Mas tem gente que faz promessa para carregar a imagem a noite toda. Aqui mesmo eu não carreguei nenhuma noite, porque toda noite tinha uma pessoa para vim pagar a promessa. Chega com a imagem do santo. Quem está levando a imagem, as cantadeiras que começam. Bota o pano na porta e o sanfoneiro está ali, e elas começam a cantiga delas. E ela vai abrindo a chegada do menino Jesus naquela casa. E os caretas, cada um representa um rei mago, e eles começam a gritar. Aquele chamamento para o patrão acordar para poder abrir as portas. Para o dono da casa abrir a porta.

Lenildo – E muitas pessoas acompanham da comunidade na peregrinação durante a noite indo de uma casa para a outra?

Edicarlos – Sim. Antigamente, antigamente não, até hoje. Nas casas que eu acompanhei esse ano, observei que as casas dos mais velhos que eu brinquei, brincavam naquela casa, o dono daquela casa ia deixar o santo na outra casa. Antigamente era assim. Hoje em dia não tem mais aquele negócio. É raridade. Chegando na casa, a pessoa acender uma vela para receber o santo. Aquela vela ficava acesa até terminar a dança do boi. Deu a despedida, o dono daquela casa pega a imagem e vai deixar na outra com aquela vela acesa. Lá o outro, quando o canto que abre as portas, o outro dono já acende aquela vela e recebe. Era para ser assim até de manhã, mas hoje em dia os mais velhos, por onde andei esse ano, as casas do pessoal mais velho foi assim. Mas é raridade. Tem essa tradição dos mais velhos.

Lenildo – Agora falando aqui de outra parte, você falou que é mandador de reisado. Conheci já você mandando desde criança, quando era meu aluno ainda. Então assim, como você começou a atuar como mandador? Foi a primeira vez que você de repente começou a atuar como mandador.





Edicarlos – Eu comecei, eu tinha 9 anos. O meu avô tirou o reis em 2006. E os seus Zé Messias era o mandador do boi. E aí eu ficava ali escutando, escutando e eu achava bonito demais. Eu achava bonito aquela rima, aquele conversamento com o dono da casa. E, rapaz, o mandador, aquela bengala, representa, ele tem poder. Aquela bengala ali, quer dizer que ele tem um poder na mão. Tanto é que quando você chama os três caretas, eles têm que vir. Quando você chama o boi, você pode observar a mandação do boi quando está no território. Quando o mandador chama o boi, ele tem que vir. O pessoal diz assim, ah, eu não gosto de reisado porque toda casa é uma coisa só. Não. Quem conhece reisado mesmo, se você for, presta atenção à brincadeira do reisado. Quando o mandador chama o boi, lá no fim do terreiro ele traz, ele tem que vir. Deitou, ele tem que deitar. Surdo, levantou, ele tem que levantar. O mandador é o maior... A professora Terezinha fez um livro e ela conta muito no vídeo dela no YouTube, que eu gosto de assistir. Ela diz que o mandador é a maior peça mais forte do reisado, porque ele tem a bengala na mão e ali ele tem um poder. E é verdade. O mandador é o abaixo de Deus, dos santos reis é o mandador.

Lenildo – Então o mandador tem essa autoridade. Qual é o momento que ele entra em cena? Tem vários momentos dentro do reisado. Você já falou que as cantadeiras é que iniciam. E aí quando é o momento que o mandador entra em ação?

Edicarlos – O mandador entra em ação depois que os caretas sapateiam, cantam e vai pro terreiro. Aí o boi quem manda no boi é o mandador.

Lenildo – A ação do mandador é no terreiro.

Edicarlos – É no terreiro. É no boi. Ele é o vaqueiro do boi. Aquele boi tá ali e o mandador é o vaqueiro daquele boi. Ele tem que trazer, tem que confessar aquele boi, tem que derrubar os caretas e ele faz a despedida com o convite pro dia 6, a morte do boi que é o banquete, e faz aquela despedida para o outro ano se todo mundo for vivo tornar vir novamente.

Lenildo – Já observando o reisado, a gente vê vários tipos de versos. As mandações que a gente chama, as cantigas que o mandador canta. Você já tem mandações prontas ou o mandador pode criar, improvisar ali na hora também?

Edicarlos – Tem toada pronta, toadas prontas, levadas de boi prontas. Agora, a rima, o verso, tem alguns versos, tem alguns versos que a gente já sabe de cor, mas a maioria é improviso.

Lenildo – E aí durante esse improviso, você fala de quê? As mandações falam de quê? Falam do cotidiano, da luta do dia-a-dia de pessoas que já vieram, da religiosidade, da promessa.

Edicarlos – Todo mandador tem um jeito de mandar. Tem deles que levam muita poesia, tem deles que levam da promessa, tem deles que levam muita vaquejada. O cotidiano daquela comunidade, as pessoas que moram naquela comunidade, tem mandador que cada noite ele manda um roteiro diferente. Se ele mandar lá no Mato Seco, se ele brincar lá no Mané Sampaia, por lá, ele manda. Tô na casa do Mané Sampaia e chega lá, conta a história dele, derruba os caretas, faz aquele convite, chega na outra casa, já diz outra história. E aí, assim, sucessivamente. Mesmo jeito que eu, quando eu mando boi, eu falo mais da promessa, porque nós andamos naquela romaria, qual o meu motivo de nós andar. Eu já levo mais pro





lado da promessa. E dentro de algumas, vaquejado no meio, mas é mais porque eu prefiro mais falar do lado da promessa. Porque a obrigação do mandador é trazer o boi, confessar, derrubar os caretas, falou da promessa, fez o convite e despediu. É a obrigação de todo mandador, falar nas casas é essa.

Lenildo – Como é pra um mandador ser bom pra você.

Edicarlos – Pra mim, se o mandador chegar na casa, ele não trouxe o boi direito, ele não confessou, não chamou os caretas, não fez a despedida, não fez o convite, pra mim, ele não é mandador não. E não repetir toada. O mandador é aquele, se ele mandar 12 casas, ele manda 12 toadas, ele manda 12 levadas de boi. Porque tem muitos que repete. Tem toada demais. Do jeito que uma banda tem uma sequência de música, tem 40 músicos reisado é do mesmo jeito. Tem mandação que é uma semana, eu tiro por mim, esse ano o reisado daqui de casa. Eu levei 5 noites, teve toada que eu nem levei, é muito.

Lenildo – Você já falou de várias coisas que tem durante a mandação. Me diga um roteiro, obrigatoriamente, o que se fala? Primeiro, mas depois se falou briga dos caretas, se falou confessar o boi, convite do banquete, qual é o passo a passo que é a obrigação ter na mandação em uma casa?

Edicarlos – Trazer o boi.

Lenildo – Primeiro, né?

Edicarlos – Sim. Confessar o boi. Levantar.

Lenildo – O boi fica deitado, não tem jeito.

Edicarlos – Fica deitado ali, você tem que confessar ele, levantar ele, trazer ele, dar boas-vindas, o dono da casa, derrubar os 3 caretas, de um por um, e você fazer o convite.

Lenildo – Tem algum significado essa briga do boi com os caretas, de derrubar ele?

Edicarlos – Tem sim. O jeito do sapateado, tem 3 sapateados, o sapateado representa a caminhada de cada um, e a briga do mesmo jeito. A briga de cada um representa a caminhada de cada um, e quando o boi derruba, que ele roda, quer dizer que ele é o vencedor, ele é o campeão. Ele é o vencedor, ele é o campeão, durante o percurso. Tão tal que no dia 6, quando ele morre, representa a morte de Cristo.

Lenildo – Então o boi está como se fosse a figura divina de Cristo. Por isso que ele é o vencedor sempre.

Edicarlos – Durante as noites. Ele derruba e faz aquela roda, desmancha, ele é o vencedor, mas no dia 6 ele morre, os caretas mata, representa a morte de Cristo.

Lenildo – E a mandação encerra com que ato? Qual é o ato que encerra? Encerrou-lhe a brincadeira do boi?





Edicarlos – Nas casas ou no dia 6?

Lenildo – Nas casas, em cada peregrinação.

Edicarlos – Se encerra quando a gente faz o convite, a gente faz o convite, e chama o dono da casa, o dono da casa, pede desculpa, porque a noite é grande, tem muito o que andar, e para o ano, se todo mundo for vivo, a gente volta. A gente tem que fazer aquela despedida, para os filhos, para quem está naquela casa, agradecer por ter recebido. Para o ano, se for vivo, a gente torna vir novamente naquela casa.

Lenildo – Durante a peregrinação, durante o dia, os trabalhadores ficam na casa do pagador de promessa, comem, como é que é?

Edicarlos – Depende muito da distância. Antigamente era assim. Eu eles ficavam, dormiam, almoçavam, jantavam, de tarde jantavam e saiam, hoje não. Hoje todo mundo vai para as suas casas. Chegou, tomou café, aí só a tarde para a janta, e chegou às 4 horas, jantou e saiu novamente.

Lenildo – E esse banquete do final, como é que acontece? Quem são os convidados? Como é que acontece no dia da morte do boi? Na casa do pagador de promessa, como é que acontece?

Edicarlos – Os convidados é para todo o povo. Não é só para quem recebeu o rezado, é para todo o povo que se sentir que gosta daquela cultura, daquele pagador de promessa, dos trabalhadores que estão naquele reisado, e aí eles vão para aquele banquete, para a morte do boi, para aquele banquete, aí já vai mais de gosto. Tem a família, tem gente que tem sua família, já acompanha mais a família. Tem reisado que é mais amigo. Aqui em casa mesmo, no dia 6, eu olhava para o terreiro e via mais gente que eu nunca sabia nem quem era. Porque a boa hora hoje não recebe só os que moram aqui, recebe todo o povo, todos os turistas. Tanto que essa programação que é feita antes de começar o reisado que a prefeitura já está fazendo, convidando todo o povo, das cidades, vale muito porque eles vêm. Me baseio para esse ano aqui, aqui em casa que tinha muita gente de fora, de fora que eu não sabia nem quem era. E muita gente falou, esse ano eu venho de novo, porque eu gostei. E o bom é isso, é vir e receber do jeito que a gente pode e fazer tudo que a gente pode fazer.

Lenildo – Outro ponto importante que você falou foi sobre a questão da juventude. Falou inclusive da Casa da Cultura, que hoje tem uma escola de reisado, ensina as crianças. Você representa já essa nova geração do reisado. Como você vê a participação desses jovens hoje no rezado?

Edicarlos – Eu vejo muito forte a participação hoje, porque até então, esse ano, já tinha a cantadeira nova, a Emanuela de Seu Ambrosio, com 16 anos já está cantando como profissional. Você vê o Iago já mandando boi, você vê o Willian, lá dos morros, começou agora recente, já está tocando. Então, do tempo que eu comecei, só tinha eu, o Ricardo e o Ian como mandador. Hoje já tem mais, já tem o Welles, já manda com o Ian, tem o Igor, e





sanfoneiro já tem dois do Boqueirão, o Davi, lá de Nazaré, já vem tocando com o Nestor, já vem pra cá para a boa hora, ele aprendeu só ouvindo, ele toca em banda, vai já, começar tocar reisado, e isso é muito importante.

Lenildo – A juventude aqui em Bora, você acha que está garantido futuramente o reisado?

Edicarlos – Sim, porque só a Casa da Cultura incentivando essas aulas que está tendo direto, de careta, como cantadeira, como mandador, já é uma grande vantagem. Hoje, as Caraíbas mesmo, a comunidade caraíba tem 5 a 6 dançadores novos, dançadores de boi, que é o serviço que mais ninguém quer fazer no Reisao, é dançar o boi, porque é puxado, o cansaço do dançador de boi é comprido.

Lenildo – E nem aparece muito.

Edicarlos – É puxado.

Lenildo – Para você, o reisado é apenas tradição ou também é um patrimônio cultural da nossa cidade, Bora?

Edicarlos – É um patrimônio cultural, tradição muito forte na nossa região. É janeiro sem reisado aqui na Bora, não presta. Quando chega janeiro, todo mundo é o reisado, não é outra coisa. A cidade para, não acha trabalhador, o pedreiro para, todo mundo para. Até o comercio para, você pode observar, que todo mundo para, o pessoal vai dormir de dia e de noite estão no reisado. Tão tal que a festa do dia 6 pode ser a segunda-feira, pode ser o meio de semana, pode ser o dia que for. Lota, porque o pessoal vai.

Lenildo – Você acha interessante que o reisado seja estudado na escola?

Edicarlos – Sim. Já era para ser estudado, porque é uma coisa que não se cabe e é importante. É respeitando as crenças, porque todo mundo hoje tem as religiões diferentes, e cada um crê no que acha ser certo, mas quem é na religião católica acredita, e quem for católico e queira aprender é essencial.

Lenildo – Faz parte da identidade da Bora?

Edicarlos – Sim, faz parte. Do Piauí. Porque aqui tem reisado, tem aqui, aqui, Boqueirão, capitão de campo, tem reisado. Você for ver no Piauí mesmo, no nordeste brasileiro, tem reisado. Só que de outras formas, aqui na Boa Hora é nosso jeito de ter reisado, mas em outros estados tem reisado de outras formas.

Lenildo – Você acha que tem mais alguma coisa que deveria ser feita para o reisado ser mais reconhecido como patrimônio do Piauí, da Boa Hora?

Edicarlos – Somente o conhecimento, mais apoio, mais apoio.

Você vê que o festival, aqui anossa cidade, por os tempos que é cidade, o reisado faz parte. Agora, graças a Deus, conseguiram a Arena do Boi, que é um grande passo para o reisado,





para todo mundo que queira participar, não só em janeiro, mas o ano todo, as apresentações, se quiser fazer um movimento, uma gincana, uma coisa para mostrar para o povo que é um avanço muito grande. Já é e é um avanço muito grande. Só mesmo isso, a parte de espalhar para o povo.

Lenildo – A gente agradece sua rica participação.

